

POR UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

João Francisco Duarte Júnior

I

A grande questão colocada atualmente no centro de toda discussão sobre o conhecimento humano diz respeito à interdisciplinaridade, ou seja, a relação entre as diferentes formas de acesso à realidade. De que maneira diversos ramos da ciência podem-se enriquecer mutuamente, permitindo-nos uma visão mais abrangente dos fenômenos? Ou, mais longe ainda, de que maneira a ciência pode relacionar-se com outras formas do saber (como, por exemplo, o "saber estético"), numa relação de compreensão mútua?

Não pretendemos aqui responder a tais questões, por demais abrangentes, mas nossa proposição é a de tentar verificar que tipo de "troca de informações" pode ser obtida entre uma ciência particular, a psicologia, e um ramo da filosofia: a antropologia filosófica.

Desde que o homem é homem podemos afirmar que sua tarefa tem sido entender de si e do mundo, dando sentido à sua existência. O conhecimento humano é sempre uma tentativa de compreender a vida, que subjaz antes de qualquer formulação. Existe uma vida, vivida, sobre a qual o homem se volta, pensando, formulando "modelos" (teorias) para tentar compreendê-la. Podemos afirmar que essa volta sobre o "vivido" (como o chamava Husserl) se dá de quatro maneiras básicas: a religião, a arte, a filosofia e a ciência. Todo discurso humano se reduz, em última análise, a esses quatro ramos do saber, **que são distintos e não se subordinam uns aos outros.**

Na aurora do homem, é de supor que arte e religião não se distinguissem, constituindo um único modo intencional. Igualmente, filosofia e ciência por muito tempo foram unas e só bem recentemente (séculos XV – XVI) separaram-se em ramos distintos do saber. É com Descartes e Galileu que se iniciam, respectivamente, a filosofia e a ciência modernas.

Essa separação visou, basicamente, constituir um ramo do saber (a ciência), que se colocasse como um saber universal. Isto é, que suas

verdades fossem válidas para qualquer sujeito em qualquer parte do mundo, não sofrendo variações segundo o enfoque deste ou daquele indivíduo (como na filosofia). Instaura-se aí o método experimental e o conceito de objetividade: o conhecimento **objetivo** independe do sujeito (experimentador), e pode ser obtido aqui ou na China, bastando que o rigor do **método** seja mantido. Assim, a ciência, para manter sua proposta objetividade, foi progressivamente fracionando os objetos de seu estudo (o homem e o mundo), no sentido de que, delimitando-se o campo, um conhecimento mais profundo e verdadeiro seria obtido. As ciências da natureza se compartimentaram: física, química, geologia, astronomia, etc.; as do homem seguiram-lhes os passos: sociologia, psicologia, medicina, etc.

Em fins do século XIX, início do XX, Husserl, matemático e filósofo alemão, levantou a voz para duramente criticar as ciências, pervertidas pelo que ele chamou de "objetivismo". A crítica deste filósofo atinge justamente os pilares sobre os quais a ciência se apoiava: a objetividade e o método.

Em primeiro lugar, diz ele, a ciência não pode se esquecer que está apoiada sobre a vida. Ou seja, ela é um voltar-se para a vida, no sentido de compreendê-la. Como se dá essa volta? Através do método: existe um objeto que desejamos conhecer; construímos um método para chegarmos até ele e então, a partir dos dados obtidos, elaboramos um modelo (uma teoria) que reproduza (explique idealmente) este objeto. (1) O que se verificou, porém, é que estas idealidades (teorias) deixaram de ser vistas como modelos (em último caso construídos por alguém) e adquiriram status de verdades últimas. Isto é, passou-se a ver as conclusões das ciências como as verdades da vida, e não como modelos ideais (no sentido de idealizados) para sua compreensão. É a isso que Husserl chama de objetivismo: tomar a construção ideal pelo mundo verdadeiro.

E é justamente devido à esse objetivismo que podemos criticar o lugar ocupado hoje pela ciência no mundo ocidental: ela tornou-se uma nova religião e os cientistas nossos novos profetas. Acreditamos ser o conhecimento científico o único verdadeiro; só aceitamos as verdades cientificamente demonstradas. Porém devemos lembrar que, segundo o explicitado acima, **a verdade é função do método**, do instrumento que usamos para conhecer o objeto. Há dois mil anos era **verdade** que a terra era plana e hoje, em função de nossos novos

(1) Tomemos como exemplo a geometria (euclidiana): não existem, na natureza, círculos e retas perfeitos; porém construiu-se estas formas ideais que nos permitem operar sobre formas concretas, "mais ou menos" circulares e retilíneas. Cf. André Dartigues, "O Que é a Fenomenologia?", Rio de Janeiro, Eldorado, 1 973, pág. 75.

métodos, é **verdade** que ela é esférica. Se, dentro da própria ciência a verdade deve ser relativizada, ela o deve ser ainda mais se tivermos em mente que a ciência não é a única forma de voltar-se compreensivamente para a vida. A filosofia, a arte e a religião também o fazem, segundo métodos (ou formas intencionais) diferentes. O poeta (Vinícius de Moraes) diz: "A lua volta de flanco / Eriçada de luxúria / O poeta, aloucado e branco / Palpa as nádegas da lua." Ao passo que o cientista afirma ser a lua um planeta satélite da terra, formado de areia e rochas, com determinada órbita, etc., etc. Onde a verdade: nas rochas ou nas nádegas da lua ? Acreditamos que nas duas. A ciência não pode, desta forma, se superpor às verdades de outros ramos do conhecimento e vice-versa.

II

Centralizemos agora nossa discussão em torno das ciências ditas humanas. Como afirmamos atrás, as ciências fracionaram seu objeto e, assim, ao estudar o homem cada disciplina ficou com uma "fatia" sua: a biologia estudando-o enquanto organismo vivo, a sociologia enquanto ser comunitário, a psicologia enquanto ser dotado de um "mundo interior", etc. Todas buscam compreender o homem através de determinados aspectos que este homem apresenta: ser biológico, ser de relação, ser dotado de "interioridade", etc. O que deve ficar claro, porém, é que nenhuma dessas disciplinas pode pretender esgotar o assunto, isto é, pretender "explicar" o ser humano; justamente porque são visões parciais do fenômeno global (homem). Uma imagem nos auxiliaria aqui: suponha-se o homem como um prisma e cada uma dessas disciplinas olhando para cada uma de suas faces; nenhuma delas poderia, a partir do que vê, supor que conhece o todo, nem tentar captar o todo só a partir do que vê.

Cabe aqui, uma primeira crítica à maneira como se ensina ciências (especialmente humanas) em nossas universidades: de maneira geral não se dá ao estudante a visão de que o ramo de estudo que ele abraçou é só uma visão **parcial** do fenômeno (humano). E daí decorre, freqüentemente, uma distorção em sua formação: forma-se indivíduos que se arvoram conhecedores do homem (e não de apenas uma parcela sua). Cumpre-nos notar, a partir de nossa experiência pedagógica, que com maior freqüência encontramos entre os psicólogos esse tipo de visão: do alto de seu orgulho e de seu diploma se sentem podendo explicar e compreender cada ação e pensamento da humanidade, bastando para isso utilizar-se de seus modelos teóricos. (Uma pergunta insidiosa:

saberá, o portador dessa visão, tanto de si quanto afirma conhecer do homem ? Afinal ele é um membro dessa espécie).

Limitemo-nos agora à psicologia, tema central deste trabalho. Notamos, mesmo dentro desta ciência específica, que o conhecimento não é unívoco, isto é, existem tendências e enfoques diferentes na compreensão do “homem psicológico”. Diferentes “escolas” consideram diferentemente seu objeto de estudo, e entre elas fica o estudante, perdido, sem conseguir conciliá-las, sem perceber suas diferenças e semelhanças de base. Este estudante acaba, frequentemente, adotando uma ou outra como “verdadeira” a partir de simples gostos pessoais, sem um trabalho sério de reflexão. E esta é a nossa segunda crítica: tal trabalho reflexivo, na grande maioria das vezes, não é efetuado porque a estrutura do curso não lhes fornece os instrumentos necessários: uma filosofia crítica das ciências e uma antropologia filosófica.

Isso porque por detrás de cada “corrente” em psicologia subjaz uma filosofia, uma visão de homem, que determina seu enfoque e seus métodos. A **grosso modo** podemos notar que as ciências do homem têm apresentado duas tendências gerais, distintas no método e, conseqüentemente, na visão de seu objeto; uma delas considera o homem como uma coisa entre as coisas do mundo e, portanto, devendo ser estudado a partir dos métodos das ciências naturais, enquanto que para a outra, sendo o homem um ser que transcende a si mesmo (fazendo ciência, arte, etc.), devem ser buscados métodos próprios para seu estudo. Isto se verifica, por exemplo, na sociologia (teorias críticas x teorias analíticas) e na história (visão dialética x visão analítico-estruturalista). (2) Na psicologia, também de maneira geral, podemos confrontar o behaviorismo, que atua nos limites do método das ciências naturais, com as outras escolas. (3)

Assim, uma abordagem filosófica à psicologia nos remeteria às filosofias que servem de base às suas diferentes “linhas”. E aí, muito mais fácil seria o trabalho do estudante, que tendo uma visão do tronco das ciências psicológicas não se emaranharia em seus galhos e ramos. É necessário que esta visão esteja presente nos organizadores dos cursos de psicologia, para que possam fornecer aos alunos um tecido consistente da matéria, e não simples retalhos, colocando sobre seus ombros a incumbência de alinhavá-los numa colcha, muitas vezes desarmônica e desconexa.

(2) Cf. Francisco Taborda S.J., “Filosofia e Ciências Humanas”, in Revista Brasileira de Filosofia, vol. XXVII, fasc. 106, 2º trimestre de 1977, pág. 119 e ss.

(3) Como afirmamos trata-se de uma divisão a grosso modo. Ao lado do behaviorismo nota-se, mais recentemente, a influência do estruturalismo, que apoiado numa visão de homem semelhante á do positivismo (pai filosófico dos comportamentalistas) já se infiltrou inclusive nas hostes psicanalíticas (vide Jacques Lacan).

III

Pelo exposto concluímos da necessidade de uma filosofia crítica das ciências em nossas universidades, especialmente nos cursos de psicologia. Porém o trabalho reflexivo não terminaria aí, pois ao questionarmos filosoficamente as ciências deparamo-nos com uma questão básica, da alçada de uma antropologia filosófica: quem é, finalmente, este homem, que faz ciência, filosofia, arte e religião, dando um sentido à sua existência? Ou seja, o que é ser homem?

Esta questão deixou de ser colocada, na grande maioria das linhas da psicologia, que em suas bases metodológicas se orientam para um estudo de **fatos**. (4) Isto é, parte-se de fatos isolados (como a emoção, a inteligência, a percepção, etc.), que são estudados neles próprios, sem que mantenham ligações entre si. (Que ligação mantém, por exemplo, o conceito de complexo de Édipo e o de esquema corporal?) Tal fracionamento é oriundo de uma visão analítica da ciência, que para compreender o objeto, divide-o em "partes constituintes", na esperança de que conhecendo-se as partes saiba-se do todo. Ora, o todo é sempre mais que a simples soma das partes. Novamente uma imagem nos auxiliará: suponha-se o todo como um castelo de cartas; podemos retirar carta por carta e estudar cada uma minuciosamente; ao final obteremos, se juntarmos todas elas, um simples baralho empilhado, e não mais um castelo. Desta maneira, cada novo fato psicológico, dissecado e analisado, se colocaria como um nove no final da dízima 0,999..., numa inútil busca da unidade.

É necessário ir além dos fatos, buscar o que **significam** numa **estrutura** complexa, que é o homem. Tomemos a emoção como exemplo. O psicólogo pode estudá-la isoladamente, através de experimentos e alterações patológicas, relacionando-a com reações corporais, comportamentos e estados de consciência. Porém a pergunta fundamental fica esquecida: o que **significa** a emoção na realidade humana? Se perguntarmos a um físico por que os corpos se atraem segundo a lei de Newton ele responderá que não sabe. Se perguntarmos ainda o que **significa** esta atração ele responderá que não significa nada, que é apenas um fato constatado. Da mesma forma o psicólogo dirá que a emoção existe, mas que ele não faz idéia do porquê nem do que isto significa.

Ora, antes de tudo é preciso buscar-se o significado da emoção. A emoção enquanto modo existencial da realidade humana, enquanto uma das

(4) Nossas idéias, expostas a partir daqui, se apoiam no texto de J. P. Sartre, "Psicologia, Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica", publicado como introdução ao seu "Esboço de Uma Teoria das Emoções", Lisboa, Ed. Presença Ltda., 1972.

maneiras do ser humano relacionar-se com o mundo. Ela não é apenas um fato dentro da realidade humana, mas antes, “a própria realidade humana realizando-se sob forma de emoção” (Sartre).

Assim, anteriormente ao estudo de fatos, faz-se necessária uma visão global do fenômeno humano, numa busca do sentido que estes fatos possuem dentro do todo. A psicologia, como afirma Sartre, deve se empenhar no estudo do homem **situado** (no café, na família, na guerra, etc.), tendo por base uma explicitação do que significa homem, mundo e estar no mundo, tarefa essa que deveria empreender de mãos dadas com uma antropologia filosófica.

É realmente perigosa a formação do psicólogo da maneira como vem sendo feita entre nós. A psicologia, como vimos, é uma simples “fatia do bolo humano” que, pela forma fatual e fracionária como está sendo empreendida em nossos cursos, corre o risco de tornar-se simples migalhas sobre os cadernos de nossos futuros psicólogos.